

Vínculo, pertencimento e afetividade nas relações familiares do adolescente ofensor sexual

Mariana Miranda Borges¹ , Liana Fortunato Costa^{2,*} 

1. Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos – Araguaína (TO), Brasil.

2. Universidade de Brasília  – Brasília (DF), Brasil.

*Autora correspondente: lianaf@terra.com.br

Editora de seção: Eliane Pelles Machado Amorim 

Recebido: 28 Jul. 2026 Aceito: 10 Set. 2026

RESUMO

O propósito do texto é contribuir com a ampliação do conhecimento sobre o adolescente que cometeu ofensa sexual, levando em conta principalmente as relações familiares. A discussão sobre esse contexto retoma a perspectiva de autores clássicos, nacionais e internacionais, no estudo de família. Trata-se de pesquisa qualitativa que utilizou a escultura familiar como instrumento de avaliação em uma leitura sistêmica das relações familiares, considerando o pertencimento, a vinculação e a afetividade. Foram realizadas 10 esculturas, fotografadas e transformadas por meio do aplicativo PicsArt. Para viabilizar a publicação delas, houve a substituição por figuras geométricas das pessoas nas fotos. A discussão expressou o movimento de aproximação e rompimento entre a mãe e o adolescente ocasionando uma frágil vinculação e trazendo dúvida sobre seu lugar de importância afetiva. O sentimento de pertencimento, que mantém a ligação permanente com os membros da família, mostra-se também duvidoso, determinando comportamentos que tentam comunicar o sofrimento dos adolescentes. Esta comunicação ainda se mostra nas fronteiras familiares, pois sua intencionalidade é pedir ajuda. A escultura familiar traz possibilidades de compreensão dos aspectos da leitura sistêmica da família. Trata-se de uma abordagem recomendada para os profissionais que atendem esses adolescentes que cometeram ofensa sexual intrafamiliar.

Palavras-chave: Adolescente ofensor sexual, Abuso sexual, Família.

Bonding, belonging, and affectivity in the sexual offender adolescent's family relationships

ABSTRACT

The purpose of the text is to contribute to the expansion of knowledge about the adolescent who committed an offense, mainly considering family relationships. The discussion on this context focuses on a resumption of the perspective of classical authors, national and international, in the study of the family. This is a qualitative investigation that used family sculpture as an assessment tool in a systemic reading of family relationships, considering belonging, bonding, and affectivity. Ten sculptures were made, photographed, and transformed using the PicsArt app. To make the publication viable, geometric figures were allocated to replace the people in the photos. The discussion expressed the movement of approximation and rupture between the mother and the teenager, causing a fragile bond and raising doubts about their place of affective importance. The feeling of belonging, which maintains the permanent connection with family members, is also dubious, determining behaviors that try to communicate the suffering of adolescents. This communication is still within family boundaries, as its intention is to ask for help. Family sculpture brings possibilities of understanding aspects of the systemic reading of the family. This is a recommended approach for professionals who care for these adolescents who have committed intrafamily sexual offenses.

Keywords: Sexual offender adolescent, Sexual abuse, Family.

Vínculos, sentido de pertenencia y afecto en las relaciones familiares de los adolescentes delincuentes sexuales

RESUMEN

El propósito de este texto es contribuir principalmente a la ampliación del conocimiento sobre adolescentes que han cometido delitos sexuales, considerando principalmente las relaciones familiares. El análisis de este contexto se centra en una revisión de las perspectivas

de autores clássicos nacionais e internacionais en el estudio de la familia. Se trata de una investigación cualitativa que utilizó la Escultura Familiar como herramienta de evaluación en una lectura sistémica de las relaciones familiares, considerando la pertenencia, el apego y el afecto. Se crearon, fotografiaron y transformaron diez esculturas utilizando la aplicación PicsArt. Para su publicación, las personas en las fotos fueron reemplazadas por figuras geométricas. El análisis expresó el movimiento de acercamiento y ruptura entre la madre y el adolescente, resultando en un vínculo frágil y generando dudas sobre su lugar de importancia afectiva. El sentimiento de pertenencia, que mantiene la conexión permanente con los miembros de la familia, también se muestra dudoso, determinando comportamientos que intentan comunicar el sufrimiento del adolescente. Esta comunicación se mantiene dentro de los límites familiares, ya que su intención es pedir ayuda. La Escultura Familiar ofrece posibilidades para comprender aspectos de la lectura sistémica de la familia. Este es un enfoque recomendado para profesionales que trabajan con adolescentes que han cometido delitos sexuales intrafamiliares.

Palabras clave: Adolescente agressor sexual, Abuso sexual, Familia.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivos apresentar e discutir a vinculação afetiva e o sentimento de pertencimento presentes nas relações familiares de adolescentes que cometeram ofensa sexual. Pretende-se retomar uma leitura sistêmica perante o que a literatura de estudos de família recomenda quando se abordam as questões conflituais presentes no período da adolescência, em face de que o atendimento terapêutico de adolescentes deva ser conduzido em uma perspectiva familiar, ou seja, em família (Andolfi, 2018; Andolfi & Mascellani, 2012; Fishman, 1989; Minuchin et al., 2008).

Este estudo tem como fundamentação teórica o pensamento sistêmico na perspectiva de Esteves de Vasconcellos (2025), que propõe o paradigma emergente da ciência contemporânea baseado em três pressupostos: complexidade, instabilidade e intersubjetividade. A visão da complexidade amplia o foco do objeto com a intenção de entendê-lo em contexto, de forma que a compreensão não seja reduzida a elementos desconexos. A instabilidade refuta a premissa de que o mundo é estável e as variáveis controláveis; assume-se que a realidade é um processo de vir a tornar-se, mudanças constantes. A intersubjetividade questiona a possibilidade de se conhecer o mundo objetivamente; sempre existe um observador inserido em um contexto que observa e compreende o objeto. A produção do conhecimento tem origem em uma subjetividade (Esteves de Vasconcellos, 2025).

Para Minuchin et al. (2008), a família é um sistema aberto em transformação, constituindo um grupo de pessoas conectado por laços afetivos, emocionais e míticos. Os membros da família desenvolvem padrões de interação e vivenciam juntos diversas situações que justificam e explicam o processo interacional, ultrapassando a questão da consanguinidade e valorizando o sentimento de pertencimento presente na relação. A família tem os objetivos externos de acomodar e transmitir uma cultura, e um interno, de proteger psicossocialmente os seus membros, sendo o primeiro espaço social habitado por um sujeito (Negreiros et al., 2021).

Entre as missões que a família tem, está a transmissão de valores, crenças e cultura que se desenvolvem por meio dos padrões da interação. Esses padrões de inter-relação possibilitam que sejam construídas uma estrutura e uma funcionalidade. A dinâmica familiar engloba aspectos presentes nas interações e perpetua-se pela própria vivência grupal. Esses aspectos são: as regras, as fronteiras, a comunicação, o poder, o sentido de pertencimento, a intimidade, a afetividade, a expressão do gênero, os papéis, a hierarquia, os conflitos, a individualização, a coesão. A observação desses aspectos fornece o conhecimento do padrão transacional (Minuchin, 1982; Minuchin & Fishman, 1990; Nichols & Schwartz, 2007; Passos, 2015).

Em termos específicos de organização, Minuchin (1982) considera a família como um sistema, um “conjunto invisível de exigências funcionais que organizam a maneira da família interagir” (Minuchin, 1982, p. 57). Trata-se de um sistema em outros sistemas maiores e que contém sistemas menores, os subsistemas. As interações ocorrem nesses subsistemas, que podem ser formados por características semelhantes, tais como geração, sexo, tarefas ou interesses (Minuchin, 1982).

Minuchin e Fishman (1990) consideram que há três subsistemas com significação singular na família: o conjugal, o parental e o fraternal. O subsistema conjugal refere-se à díade com responsabilidade de cuidado, e suas funções são a complementaridade e a acomodação mútua. O subsistema conjugal também pode se apresentar como o subsistema parental, quando ocorre o nascimento dos filhos, tendo de ampliar suas funções para a educação e socialização deles, com tarefas específicas de guiar, nutrir e orientar. A fratria é formada com o nascimento de outros filhos, oferecendo às crianças uma fonte de apoio mútuo e maior possibilidade de experimentação das interações presentes na realidade social. Nesse contexto, os irmãos aprendem a estabelecer uma relação horizontal de paridade (Magalhães et al., 2017; Minuchin, 1982).

Na abordagem ao adolescente, importa a questão da construção da identidade na família, que é processada por dois dispositivos agindo simultaneamente: o sentimento de pertencimento (vinculação) e a separação, que são interdependentes. O pertencimento/vinculação surge da vivência em um grupo familiar que comunica física, emocional e simbolicamente a união e o afeto entre seus participantes e possibilita ao indivíduo identificar-se como parte dessa ligação (Minuchin, 1982). A intimidade também é parte do processo de pertencimento; os membros da família estão disponíveis e próximos uns dos outros. A necessidade de separação ocorre pela participação em diferentes subsistemas familiares, em diversas situações, e

de grupos extrafamiliares, permitindo aos sujeitos conhecerem até onde têm autonomia (Chagnon, 2017). A configuração de gênero e a participação em uma geração são elementos constitutivos nas interações que promovem a diferença entre os sexos e idades, proporcionando os movimentos de separação que conduzem à autonomia. Na família, o gênero auxilia no aprendizado dos papéis sociais a serem executados nos grupos de convivência (Costa et al., 2020).

O perfil dos adolescentes que cometem ofensa sexual é heterogêneo, porém apresenta algumas características comuns: déficit de habilidades sociais, valores e crenças marcados por preconceitos de gênero, vitimização física e/ou sexual, falta de supervisão parental aliada à curiosidade e ânsia pela experimentação da sexualidade. Na atualidade, sabe-se que os adolescentes que cometem ofensa sexual experimentam, em seu processo de construção da subjetividade, a vivência da violência, podendo ser considerados como polivítimas, em função da variedade e constância dessa violência, que pode ser psicológica, física, patrimonial, negligência, abandono, testemunho (Alexander et al., 2021; Tavares et al., 2021; Worling & Langton, 2017). Em relação à família dos adolescentes que vêm sendo estudados, uma característica marcante é o apoio familiar e social restrito, uma vez que essas famílias têm como maior preocupação a sobrevivência material, mormente em tempos pandêmicos e pós-pandêmicos. Esses adolescentes estão inseridos em uma organização familiar voltada para a manutenção das necessidades básicas, tal como a distribuição de tarefas e responsabilidades do trabalho doméstico entre seus membros. Esse adolescente que cometeu ofensa sexual inserido nesse contexto é o responsável pelo cuidado da casa e dos irmãos enquanto os pais estão fora o dia todo, trabalhando (Pincolini & Hutz, 2014; Silva et al., 2021).

Em síntese, o propósito do texto é contribuir com a ampliação do conhecimento sobre o adolescente que cometeu ofensa sexual em termos contextuais, ou seja, enfocando uma realidade nacional. Pretende-se focar a discussão retomando a perspectiva de autores clássicos, nacionais e internacionais, no estudo de família, com ênfase no significado da ofensa sexual como comunicação à família.

MÉTODO

Contexto da pesquisa

Trata-se de pesquisa qualitativa realizada em ambulatório público de saúde mental infantojuvenil que atende adolescentes ofensores sexuais. O enfoque de atendimento é grupal, e os adolescentes e familiares são acolhidos em entrevistas que objetivam obter dados psicossociais, relações familiares, história de vida, a vítima e o contexto da ocorrência da violência. Em seguida, as famílias iniciam o atendimento grupal, que compõe de cinco a sete sessões, nas quais os temas discutidos são proteção, sexualidade, violência sexual, transgeracionalidade e projeto de namoro. As sessões têm duração de três horas e intervalo quinzenal, e as famílias participantes, em sua maioria, vivem uma situação de violência sexual intrafamiliar. O oferecimento dessa forma grupal diz respeito ao grupo multifamiliar (Costa et al., 2015), que opera na perspectiva de Fishman (1989), de que o adolescente deve ser atendido em família. As informações obtidas para a discussão neste texto dizem respeito a um grupo que teve início no primeiro semestre de 2017 e foi composto de 10 famílias.

Os participantes estão descritos na Tabela 1.

Tabela 1. Informações sobre os adolescentes, os familiares e as vítimas.

Adolescente	Idade (anos)	Escolaridade	Vítima (gênero, idade)	Familiares na casa	Renda familiar (SM)
1	16	8.º EF II	M, 4	Mãe, tia, três primos (26, 19 anos)	3
2	13	8.º EF II	F, 4	Mãe, padrasto, dois irmãos, irmã	7
3	14	9.º EF II	F, 6	Mãe, padrasto, irmã	-
4	13	8.º EF II	M, 6; M, 5; M, 4	Mãe, adolescente	-
5	14	4.º EF I	M, 11	Mãe, irmã, irmão	-
6	14	5.º EF I	F, 10; M, 2	Tia-avó materna, dois irmãos	1
7	13	7.º EF II	F, 3	Pai, mãe	3
8	17	9.º EF II	M, 7; M, 10	Mãe, padrasto, três irmãos	2
9	16	1.º EM	F, 11	Mãe, irmã	1
10	16	8.º EF II	M, 7	Pai, mãe, avós maternos, tia materna, cinco irmãos (20, 20, 18, 8, 7 anos)	Menor que 1

F: feminino; M: masculino; EF: ensino fundamental; EM: ensino médio; SM: salário mínimo. Fonte: Elaboração própria.

Instrumento e procedimentos

O grupo foi conduzido por uma equipe multidisciplinar composta de psicólogos, assistentes sociais, estudantes e residentes de psicologia, enfermagem e medicina, tendo ainda professores de uma universidade pública como supervisores. Este texto se concentra na primeira sessão, na qual se aplicou a escultura familiar, que consiste em uma técnica não verbal que permite a representação simbólica de um sistema com pouca ou nenhuma racionalização, resistência e/ou rótulos (Andolfi, 1981). A escolha da escultura familiar possibilita a visualização das interações familiares (Andolfi & Mascellani, 2012), descrevendo a organização familiar, os papéis assumidos e a qualidade de vinculação de cada membro em relação aos outros.

Nessa primeira sessão estiveram presentes 10 adolescentes e familiares. O atendimento grupal prevê que nessa primeira sessão haja um aquecimento interativo, por meio da apresentação das famílias. Desse modo, aplica-se a escultura familiar para esse fim (Andolfi, 1981). A técnica da escultura familiar foi aplicada com a participação da mãe, do adolescente e da equipe de profissionais que poderiam funcionar como auxiliares diante da necessidade de inserção de outros familiares que não estavam presentes na sessão, mas foram considerados importantes. Foi solicitada à mãe que construísse a representação da sua família com a utilização dos participantes ou de objetos presentes na sala de atendimento. Nesse momento a representação da família foi fotografada.

Em seguida, foi oferecido ao adolescente fazer modificações na organização da pose familiar, se ele entendesse que era necessário, e houve uma nova foto. De acordo com a aplicação da técnica, a primeira foto refere-se ao momento estático da escultura familiar, e as mudanças realizadas como o momento dinâmico (Andolfi, 1981). Destaca-se que a família 5 não aceitou participar da atividade. Assim houve 10 participantes, mas somente registro de nove. Os arquivos referentes às fotos das esculturas familiares foram transferidos para o aplicativo PicsArt, sendo colocado o efeito *artistic oil* nas fotos com a intenção de desfocar os rostos dos participantes sujeitos para garantir a privacidade deles. Depois disso, foram acrescentadas uma letra para identificar cada membro da família e a legenda correspondente ao parentesco.

A análise das informações teve como base a foto original visando aprofundar a leitura sistêmica das relações familiares nos aspectos: organização familiar, papéis assumidos e qualidade de vinculação de cada membro em relação aos outros. Para tal fim, a literatura é relativa aos autores Andolfi (2018), Andolfi e Mascellani (2012), Chagnon (2017) e Minuchin et al. (2008).

Cuidados éticos

O projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil, recebendo o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética número 66485717.0.0000.5540, e aprovado no dia 9 de maio de 2017, sob o parecer n. 2.054.880. Posteriormente, houve a proposta de acréscimo da pesquisa documental, que recebeu aprovação por meio de emenda em fevereiro de 2018.

RESULTADOS

As esculturas familiares são apresentadas neste texto sob a forma de figuras geométricas, adotando-se o círculo como indicativo do gênero feminino e o quadrado como o gênero masculino (Figs. 1–9). A fim de oferecer melhor visualização dos aspectos discutidos, a figura representativa da genitora foi preenchida com linhas diagonais; a figura do adolescente, com linhas verticais; e a figura da vítima, totalmente escurecida. As demais figuras de parentesco estão indicadas na legenda. Essa adaptação das fotos em figuras se fez em função da disponibilidade de espaço, em substituição aos membros de cada família, respeitando-se a organização apresentada na foto original.

Importa informar ainda que todas as idades indicadas neste texto se referem às informações repassadas pela instituição. Em algumas esculturas (Figs. 2, 3, 4, 6, 7a, 7b) faltam idades de uns parentes que compõem a figura. Essas idades faltantes são de pessoas que não fazem parte das informações constantes do registro institucional do adolescente, ou que não estavam necessariamente presentes no momento da construção da escultura. A escolha do adolescente para compor a escultura não indica que aquela pessoa estava, de fato, presente na sessão, mas que aquela pessoa tem importância em termos de vinculação afetiva.



Figura 1. Escultura familiar do adolescente 1*.

A: tia materna, 43 anos; B: primo, 27 anos; C: mãe, 45 anos; D: adolescente (1), 17 anos; E: primo, 22 anos; *adolescente e mãe de braços dados, vítima ausente. Fonte: Borges, M. M. (2018).

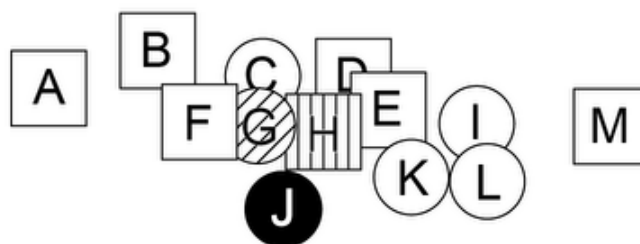


Figura 2. Escultura familiar do adolescente 2*.

A: irmão por parte de mãe, 12 anos; B: padrasto, 41 anos; C: avô materna; D: pai, 34 anos; E: avô materno; F: irmão por parte de mãe, 8 anos; G: mãe, 34 anos; H: adolescente (2), 13 anos; I: tia materna, 37 anos; J: irmã, vítima, 4 anos; K: irmã do padrasto; L: irmão do padrasto; M: primo; *presença de muitos membros, família extensa misturada com a nuclear, vítima presente. Fonte: Borges, M. M. (2018).

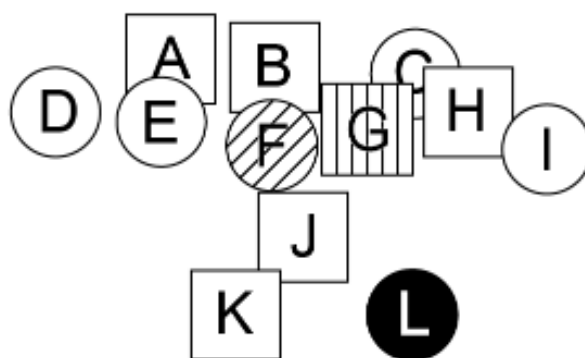


Figura 3. Escultura familiar do adolescente 3*.

A: padrasto; B: avô materno; C: tia materna; D: grande amiga da mãe; E: irmã, 21 anos; F: mãe, 37 anos; G: adolescente (3), 14 anos; H: pai falecido; I: irmã, 17 anos; J: sobrinho, 3 anos; K: ex-cunhado; L: vítima, 7 anos; *adolescente ao lado da mãe cercado de parentes, presença de amigas da mãe, vítima presente. Fonte: Borges, M. M. (2018).

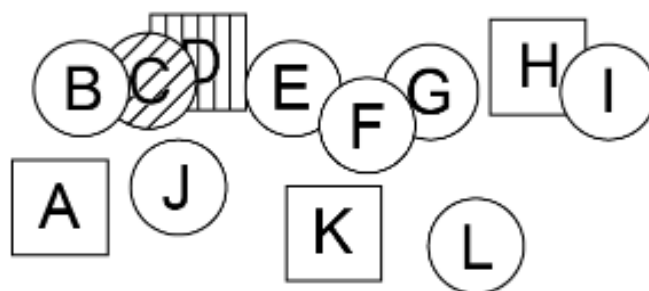


Figura 4. Escultura familiar do adolescente 4*.

A: tio materno, 41 anos; B: tia-avó materna; C: mãe, 54 anos; D: adolescente (4), 14 anos; E: irmã, 25 anos; F: irmã, 25 anos; G: ex-sogra da mãe, 70 anos; H: tio materno, 48 anos; I: tia-avó materna; L: sobrinha, 4 anos; K: tio materno, 51 anos; J: tia-avó materna; *adolescente ao lado da mãe, muito parentes, presença de pessoas mais distantes, como ex-sogra da mãe, vítima ausente. Fonte: Borges, M. M. (2018).

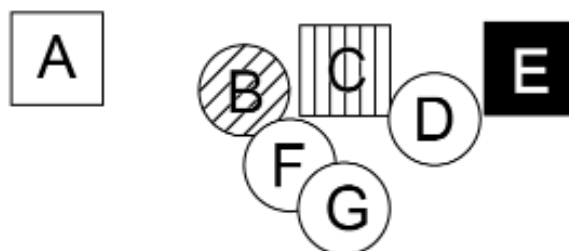


Figura 5. Escultura familiar do adolescente 5*.

A: irmão, 12 anos; B: mãe, 34 anos; C: adolescente (5), 14 anos; D: avó materna, 54 anos; E: irmão, vítima, 7 anos; F: irmã, 17 anos; G: irmã, 8 anos; *adolescente ao lado da mãe e cercado pela mãe e avó, vítima presente. Fonte: Borges, M. M. (2018).

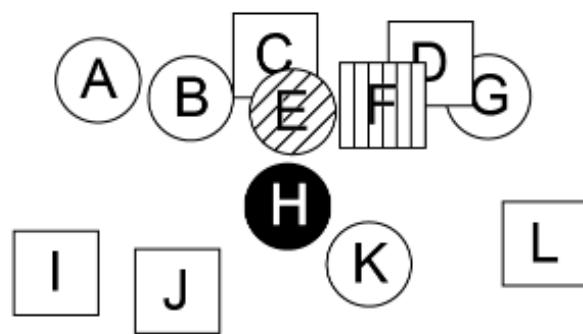


Figura 6. Escultura familiar do adolescente 6*.

A: irmã, 27 anos; B: irmã, 30 anos; C: pai, 59 anos; D: irmão, 32 anos; E: mãe, 56 anos; F: adolescente (6), 14 anos; G: avó materna; H: sobrinha, vítima, 3 anos; I: sobrinho, 4 anos; J: sobrinho, 14 anos; K: sobrinha, 2 anos; L: primo; *adolescente cercado pela mãe e avó, a mãe segura a vítima, presença de muitos parentes jovens, como primos e sobrinhos. Fonte: Borges, M. M. (2018).

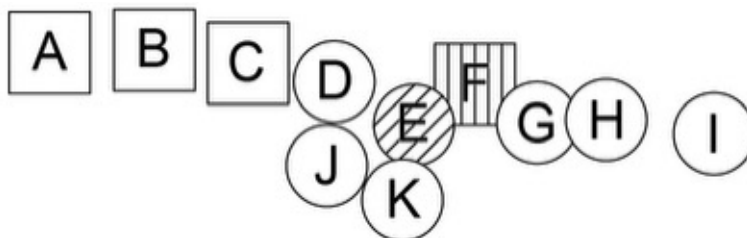


Figura 7a. Escultura familiar do adolescente 7, construída pela mãe*.

A: tio materno, 36 anos; B: tio materno, 30 anos; C: avô materno, 67 anos; D: avó materna, 62 anos; E: mãe, 34 anos; F: adolescente (7), 17 anos; G: amiga da mãe; H: amiga da mãe; I: tia materna, 38 anos; J: tia materna, 26 anos; K: tia materna; *adolescente ao lado da mãe, cercado por parentes do gênero masculino, amigas da mãe presentes na foto, vítima ausente. Fonte: Borges, M. M. (2018).

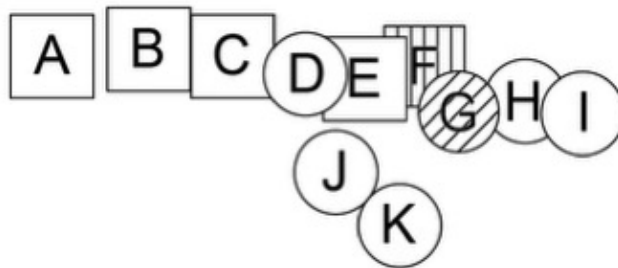


Figura 7b. Escultura familiar do adolescente 7, construída por ele*.

A: tio materno, 36 anos; B: tio materno, 30 anos; C: avô materno, 67 anos; D: avó materna, 62 anos; E: pai, 33 anos (ausente da escultura da mãe); F: adolescente (7), 17 anos; G: mãe, 34 anos; H: amiga da mãe; I: tia materna, 38 anos; J: tia materna, 26 anos; K: tia materna; *adolescente manteve praticamente a escultura da mãe, acrescentou o pai ao lado dele, ficando entre o pai e a mãe, vítima ausente. Fonte: Borges, M. M. (2018).

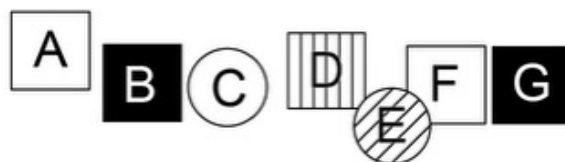


Figura 8. Escultura familiar do adolescente 8*.

A: irmão por parte de mãe, 8 anos; B: irmão por parte de mãe (vítima), 7 anos; C: avó paterna; D: adolescente (8), 17 anos; E: mãe, 38 anos; F: padrasto, 34 anos; G: irmão por parte de mãe (vítima), 10 anos; *adolescente 8 cercado pelos irmãos por parte da mãe, padrasto ao lado da mãe, duas vítimas (irmãos) presentes. Fonte: Borges, M. M. (2018).

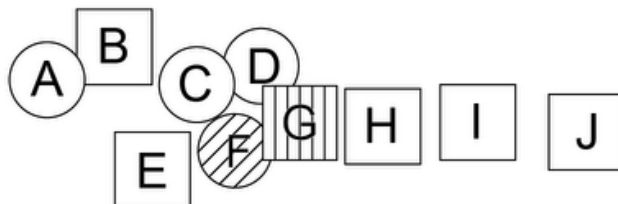


Figura 9. Escultura familiar do adolescente 9*.

A: irmã, 8 anos; B: irmão, 21 anos; C: tia materna; D: avó materna; E: pai; F: mãe; G: adolescente (9), 16 anos; H: irmão, 21 anos; I: irmão, 19 anos; J: irmão, 9 anos; *adolescente junto à mãe, cercado por irmãos e avós e tias, vítima ausente. Fonte: Borges, M. M. (2018).

As figuras mostram uma organização amontoada, relações emaranhadas, na percepção de Minuchin (1982), por causa das fronteiras pouco nítidas e/ou pouco preservadas. De maneira geral, a função da fronteira é delimitar os subsistemas na interação familiar, ou ainda limitar o sistema familiar em relação aos sistemas sociais mais amplos. As fronteiras devem ser esquemas relacionais com possibilidades de ajustes ao longo do desenvolvimento de crianças e adolescentes presentes na família.

A constatação de um emaranhamento denota uma comunicação de preocupação com a união familiar. A revelação do abuso sexual ameaça a união familiar e influencia a qualidade da formação da fronteira (Andolfi, 1981; Marra & Costa, 2018; Minuchin, 1982). Percebe-se o adolescente cercado por vários membros da família, principalmente a mãe, além da presença de muitas mulheres nos papéis de avó, tias e amigas da mãe, um verdadeiro cerco familiar ao adolescente. As fotos das famílias foram construídas contendo vários membros da família nuclear e da família extensa, supondo-se que essas pessoas transitam bastante entre esses dois sistemas e mantêm relações frequentes com o adolescente.

Diante dessas considerações, cabe uma dúvida, já expressa em Tavares et al. (2021), sobre a existência de um vínculo operacional expressando uma supervisão parental sobre o adolescente, visto que são muitos os adultos que transitam na casa. A questão da supervisão parental é ponto fundamental na percepção da presença da autoridade exercida sobre o adolescente que ofende sexualmente de modo intrafamiliar, desde um aspecto das relações familiares de modo geral (Andolfi & Mascellani, 2012; Costa, 2020; Magalhães et al., 2015; Ponciano, 2015) até a especificidade do resgate da função de orientação e supervisão do adolescente agressor (Chagnon, 2017; Costa et al., 2020; Oliver, 2007; Silva et al., 2021). A resolução dos conflitos nas relações familiares é administrada pela presença da autoridade parental, que oferece orientação, vivência dos limites e diminuição da ansiedade sobre a tarefa que cabe a cada membro da família (Minuchin, 1982; Worling & Langton, 2017).

Sobre as vítimas, foram o total de 11, pois na família 8 houve duas vitimizações, de irmãos do gênero masculino. É interessante notar que as vítimas estavam presentes nas fotos em cinco famílias e ausentes em cinco famílias. Essa observação significa o reconhecimento da existência da vítima (todos os abusos sexuais foram intrafamiliares) mesmo que isso custe um grande incômodo, e disposição para enfrentamento dessa situação que traz vergonha, culpa e suscita isolamento. A escultura familiar também mostra a posição contraditória (e de grande sofrimento) da mãe quando fica sabendo que um/a filho/a foi agredido/a (abusado sexualmente) por outro filho. Essa situação está expressa na posição central do adolescente ao lado da mãe e na presença da vítima sendo segurada pela mãe (Marra & Costa, 2018; Said & Costa, 2019; Santos & Dell'Aglio, 2010). As figuras apresentadas no texto indicam visualmente a mãe equilibrando-se entre o ofensor e a vítima.

DISCUSSÃO

Vínculo e afetividade: Quero saber que lugar eu ocupo na sua vida

O afeto é a disponibilidade que um sujeito oferece ao outro de manter intimidade e proximidade, possibilitando a construção de um lugar simbólico na relação (Minuchin, 1982). O dispositivo do afeto é estabelecido pelas relações de cuidado, amizade e idiossincrasias familiares. Todos os membros das famílias presentes nas fotos apresentavam relação de proximidade com o adolescente por parentesco, vizinhança ou algum tipo de contato cotidiano.

O ambiente no qual essas famílias vivem é a periferia, com grandes ajuntamentos de moradia, sendo a organização social de intensa convivência/proximidade/intimidade com as vítimas (vide renda familiar na Tabela 1). A desigualdade social, bem como a precarização das condições de sobrevivência, proporciona que diversas famílias morem em um mesmo lote, que, por sua vez, é dividido em várias casas, e as atividades de cuidado das crianças são realizadas por todos os moradores desse território (Said & Costa, 2018). Os adolescentes são, muitas vezes, responsáveis por cuidados domésticos e pessoal das crianças que terminam por serem suas vítimas (Pincolini & Hutz, 2014; Said & Costa, 2019). Essa observação pode ajudar a melhor compreender as esculturas, evidenciando a grande quantidade de pessoas presentes em cada figura. Em algum momento, todos os parentes podem assumir uma responsabilidade, mesmo que temporária, sobre as crianças e os adolescentes.

Os cuidados dispensados pelos adolescentes às crianças podem ser vistos como um processo de parentalização, característico da assunção de papel parental por outro membro da família (Passos, 2015; Ponciano, 2015). A parentalização coloca o adolescente como um vértice de um triângulo afetivo que tem a mãe e a vítima nas outras pontas, além de alterar a organização e a hierarquia nas relações familiares, podendo trazer confusão na execução dos papéis na família (Minuchin,

1982). Esse contexto representa as famílias monoparentais femininas, ou seja, mães que trabalham cerca de 15 horas diárias, com tripla jornada, ficando afastadas dos filhos em nome da sobrevivência, e as tias, as avós, as tias-avós e as amigas das mães participam dos cuidados com as crianças e adolescentes. Acresce-se que as crianças e os adolescentes acabam por transitar entre os espaços nos quais estão os adultos responsáveis pelos cuidados.

O compromisso da parentalização é observado em relações abusivas entre adolescentes e crianças, permitindo o exercício da autoridade e poder sobre uma criança, bem como facilitar o convívio com uma possível vítima, sem a supervisão de adultos (Marra & Costa, 2017; Oliver, 2007; Silva et al., 2021). Diante dessas circunstâncias, nota-se que a relação afetiva entre o adolescente ofensor e a vítima é forte e permanente, porém contém uma ambiguidade, que inclui aspectos contraditórios, indo da dependência à raiva e ao medo. Esses sentimentos produzem uma confusão acerca do papel desempenhado pelo autor da ofensa na vida dessas crianças e das mães, observações que foram também percebidas por Arpini et al. (2013) e Barra e Costa (2018).

Souza et al. (2014) apontam que as crianças têm dificuldade de nomear as vivências de violências intrafamiliares por conta da delegação de autoridade, lealdade, vínculos afetivos e segredos familiares. Essa dificuldade está diretamente relacionada à expressão de papéis que o adolescente ofensor sexual assume no sistema familiar, interferindo na relação fraterna entre irmãos. A distorção de papéis e suas consequências se ampliam principalmente para o desempenho da parentalidade, representando avaliação do fracasso familiar e dos sentimentos de impotência e culpa e intenso sofrimento (Minuchin, 1982; Muniz & Féres-Carneiro, 2012).

Em algumas figuras, as vítimas estão postadas com os adolescentes, ou com a mãe e, nesses casos, com toda a família ao redor. Interpreta-se que a comunicação da figura é sobre proteger a vítima e o adolescente simultaneamente. Talvez a família esteja informando que não vai escolher um ou outro, mas ambos: ofensor e vítima. Outro aspecto ligado a essa escolha por ambos está vinculado ao adolescente assumir a responsabilidade ou não pelo ato violento. Dos 10 adolescentes que integraram o grupo, seis assumiram o abuso sexual como uma violência, e os outros quatro negaram. Esses que negaram o fizeram por definirem o abuso sexual como uma brincadeira, e essa posição dificulta uma postura mais crítica dos adultos e facilita a manutenção da união (Seto et al., 2015; Silva et al., 2021).

Ademais, quando o adolescente ofensor foi responsabilizado e afastado da vítima, não foram percebidas alterações emocionais ou comportamentais na relação entre eles. Em cinco das esculturas familiares, as vítimas foram representadas, ainda que aparecessem disfarçadas ou de forma minimizada. A ausência das vítimas nas esculturas não necessariamente representa que a família reconhece a violência e/ou responsabiliza o adolescente. Tem-se a impressão de que, agora no presente momento da intervenção, o que houve não faz diferença, o que passou, passou. O que importa, agora, é cuidar dos filhos e restabelecer a união, ainda que o evento do abuso sexual tenha se constituído em um momento de denúncias sobre a organização familiar anteriormente adotada. Na lide estressante de garantir a sobrevivência, adultos assumem compromissos de trabalho que não permitem a execução de tarefas de supervisão parental aos adolescentes, e o abuso sexual intrafamiliar pode sugerir que o abandono dessa função parental fundamental leva a pedidos de socorro dos adolescentes (Penso et al., 2012).

Pertencimento: Mamãe, posso ir?

O sentimento de pertencimento é uma das consequências da construção da identidade familiar, bem como a individuação, a qual é resultado das ações de diferenciação e adaptação ocorridas no sistema familiar (Minuchin, 1982; Penso et al., 2012). A percepção da importância que as relações familiares têm para seus membros está vinculada ao sentimento de pertencimento comum a todos (Minuchin, 1982). Vários autores indicam que os adolescentes demonstram ter dúvidas sobre a sua importância na vida dos genitores, dos membros da família, ou ainda dos adultos que assumem a responsabilidade por seus cuidados permanentes (Andolfi & Mascellani, 2012; Costa, 2020; Minuchin, 1982; Oliver, 2007; Seto et al., 2015). Destaca-se que esse questionamento no período da adolescência faz parte do processo de construção da identidade, no qual a ênfase transita entre a autonomia/individualização e dependência/individuação (Said et al., 2016).

No contexto desta pesquisa, o tema referente ao processo de pertencer e separar, vivido com sabores e dores nessa fase do desenvolvimento, envolve com bastante intensidade os pais dos adolescentes, especialmente as mães, visto que boa parte delas sustenta as despesas da casa sozinha. Essa situação pode contribuir para um isolamento do adolescente dentro de casa, proporcionando um afastamento afetivo emocional e justificando comportamentos raivosos em ambos, mãe e filho. A alteração no equilíbrio dessa relação encontra seu ápice na expressão da raiva, no caso de um filho que abusou sexualmente de outro filho. Os membros da família demonstram dificuldades em estabelecerem conexões com a qualidade das relações previamente existentes entre a mãe e o filho e o cometimento da violência sexual. A observação oferecida sobre esse momento de contato da díade mãe/filho é de ambiguidade, e talvez essa condição ajude a compreender o motivo

da presença de tantos elementos mediadores para essa díade: as avós maternas e paternas, as tias maternas e paternas, as cunhadas, as sogras, as amigas da mãe.

Outra questão significativa é a separação conjugal, que ocasiona a inserção de novos/as companheiros/as, representando mudanças na estrutura e dinâmica da família, pela readequação dos papéis, deveres e obrigações de cada um (Ponciano, 2015), caracterizando o tema das reorganizações familiares. Além da provocação com essas mudanças, as famílias que vivenciaram a violência doméstica aumentam a insegurança com relação a essas reorganizações. Os adolescentes apresentavam dúvidas a respeito de uma reprodução dessa violência com as mães pelo atual companheiro — expresso na escultura familiar da família 8, na qual o padrasto é configurado como tentando entrar na família. A questão delicada que se apresenta nesse ponto diz respeito à evitação ou não de se instalar uma competição entre o novo companheiro da mãe e o adolescente. Tavares et al. (2021) apontam uma mudança recorrente de companheiros da mãe, que são introduzidos no lar muito em função das necessidades de garantia de sobrevivência, ou seja, pela necessidade de um rendimento financeiro do casal que consiga fazer frente às despesas. Novamente, ressalta-se a importância da consideração do contexto de famílias com baixo rendimento financeiro (Pincolini & Hutz, 2014; Stoicov, 2021).

O aspecto gênero está presente nesses conflitos por meio de certa imposição social da heteronormatividade. A violência sexual entre adolescente ofensor sexual e vítima do sexo masculino é uma relação de dominação e opressão que possibilita o pertencimento em grupos sociais masculinos que reforçam essa condição de interação na qual é expressa a virilidade sexual. Ao mesmo tempo, a criança é iniciada em um processo de construção da masculinidade. Nessa situação particular, a vinculação realizada pela ofensa sexual se refere à masculinidade (Worling & Curwen, 2012).

As fotos compostas de tantos parentes, especialmente cuidadoras mulheres, revelam a rede de apoio que as mães têm nas tarefas de educação e cuidado com seus filhos. Isso implica deslocamentos realizados, em geral pelas mães, pois tanto o adolescente como a criança permanecem durante o dia com as avós ou outros parentes, quando se trata unicamente de cuidados rotineiros. De todo modo, ainda existem as circunstâncias de famílias em situações de intensas violências. Nesses casos, as mães e os filhos deslocam-se por diferentes razões, causando transtornos de toda ordem. Há ainda outra diferença, a qual se pode denominar de terceirização do cuidado, na qual os parentes mais próximos (as avós) são responsáveis pelos cuidados, mas não têm reconhecimento de aspectos necessários para a execução da tarefa, como autoridade, hierarquia ou condições de saúde (Tavares et al., 2021).

Finalmente, há que se detalhar a razão do subtítulo desta sessão, “Mamãe, posso ir?”. Essa pergunta faz parte de uma brincadeira infantil na qual uma criança toma o papel de mãe e outras crianças tomam o papel de filhos. Os filhos perguntam à mãe se podem se afastar dela e perguntam: “mamãe, posso ir?”, buscando tomar maior distância da mãe, embora garantindo a segurança de continuarem a ser protegidos e terem uma resposta da mãe que diz respeito ao seu pertencimento familiar. Esta sessão final da discussão está bem ilustrada em Costa (2020), quando a autora constrói, em sua pesquisa sobre adolescente ofensor sexual, três núcleos de análise, todos com foco na relação mãe-filho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto buscou discutir um recorte das interações familiares nas situações de famílias com adolescentes que cometeram ofensa sexual intrafamiliar, por meio da escultura familiar, com base em uma pesquisa acadêmica (Borges, 2018). Na amostra discutida neste texto, foi expresso o frequente movimento de aproximação e rompimento entre a mãe (principalmente) e o adolescente, ocasionando uma frágil vinculação, que traz uma dúvida do adolescente sobre seu lugar de importância afetiva: “Quero saber que lugar eu ocupo na sua vida”.

O sentimento de pertencimento que mantém a ligação permanente com os membros da família se mostra também duvidoso, determinando comportamentos que tentam comunicar o sofrimento dos adolescentes.

Esta comunicação ainda se mostra nas fronteiras familiares, pois sua intencionalidade é questionar: “Mamãe, posso ir?”. Aqui, toma-se a liberdade de trazer uma frase típica de uma brincadeira infantil na qual o filho testa a importância que tem para a mãe.

O texto apresenta limites em relação à escolha do instrumento, que traz dificuldade para sua exposição original, no entanto a escultura familiar possibilita grande compreensão desses aspectos que compõem uma leitura sistêmica das interações familiares. Trata-se de uma abordagem necessária e recomendada para os profissionais que atendem esses adolescentes que cometeram ofensa sexual intrafamiliar.

CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Conceituação: M.M. Borges e L.F. Costa. **Metodologia:** M.M. Borges e L.F. Costa. **Investigação:** M.M. Borges e L.F. Costa. **Curadoria de dados:** M.M. Borges e L.F. Costa. **Escrita - revisão e edição:** M.M. Borges e L.F. Costa. **Visualização:** M.M. Borges. **Supervisão:** L.F. Costa. **Administração de projetos:** L.F. Costa.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados estão disponíveis em um repositório de dados - <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34855>

FINANCIAMENTO

Não aplicável.

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Não houve utilização de ferramenta de IA.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Secretaria de Saúde do Distrito Federal.

REFERÊNCIAS

Alexander, A. A., McCallum, K. E., & Thompson, K. R. (2021). Poly-victimization among adolescents adjudicated for illegal sexual behavior: A latent class analysis. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 30(3), 347-367. <https://doi.org/10.1080/10926771.2020.1774692>

Andolfi, M. (1981). *Terapia familiar*. Vega.

Andolfi, M. (2018). *A terapia familiar multigeracional: Instrumentos e recursos do terapeuta*. Artesã.

Andolfi, M., & Mascellani, A. (2012). *Historias de la adolescencia: Experiencias en terapia familiar*. Gedisa.

Arpini, D. M., Witt, C. S., Savegnago, S. D. O., Lopes, M. D. C., & Siqueira, A. C. (2013). Violência sexual contra adolescentes: “Ninguém quer ajudar, só julgar”. *Adolescência & Saúde*, 10(Supl. 1), 27-33. Recuperado de http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=392

Borges, M. M. (2018). *Adolescência e ofensa sexual: [in]visibilidade dos vínculos familiares* [dissertação de mestrado]. Instituto de Psicologia], Universidade de Brasília. Recuperado de <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34855>

Chagnon, J. Y. (2017). Clínica e psicopatologia dos autores de agressão sexual. In D. M. Amparo, E. R. Lazzarinni, I. M. Silva, & L. Polejack (Eds.), *Psicologia clínica e cultura contemporânea* (vol. 3, pp. 305-330). Technopolitik. Recuperado de <http://psicc.unb.br/images/livros/PsiClinCultContemp3v2rF.pdf>

Costa, F. A. O. (2020). *O adolescente que cometeu abuso sexual: Reflexões sobre a subjetividade*. Dialética.

Costa, L. F., Penso, M. A., & Conceição, M. I. G. (Eds.) (2015). *Manual de grupos multifamiliares*. Central de Produções.

Costa, L. F., Setubal, C. B., Wolff, L. S., & Penso, M. A. (2020). Uma perspectiva sistêmica e de gênero na atenção ao adulto ofensor sexual. In J. S. N. F. Bucher-Maluschke & J. A. Alcântara (Eds.), *Perspectiva sistêmica e práticas em psicologia: Temas e campos de atuação* (pp. 225-243). CRV.

Esteves de Vasconcellos, M. J. (Ed.) (2025). *Metodologia de atendimento sistêmico: Design de práticas colaborativas novo-paradigmáticas*. Appris.

Fishman, H. C. (1989). *Tratamiento de adolescentes con problemas: Un enfoque de terapia familiar*. Paidós.

- Magalhães, A. S., Feres-Carneiro, T., Machado, R. N., & Dantas, C. R. (2017). Modos de vinculação na família: a fratria em questão. In T. Feres-Carneiro (Ed.), *Casal e família: Teoria, pesquisa e clínica* (pp. 97-114). Prospectiva/PUC-Rio.
- Magalhães, A. S., Feres-Carneiro, T., Machado, R. N., & Mello, R. (2015). Autoridade parental e violência familiar: O pai em questão. In T. Feres-Carneiro (Ed.), *Família e casal: Parentalidade em diferentes contextos* (pp. 25-38). Prospectiva/PUC-Rio.
- Marra, M. M., & Costa, L. F. (2017). A família em contexto de abuso sexual: Significados e construções narrativas. In M. Grandesso (Ed.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contexto e populações: Um diálogo entre teoria e prática* (pp. 491-512). CVR.
- Marra, M. M., & Costa, L. F. (2018). Entre a revelação e o atendimento: família e abuso sexual. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 36(3), 459-475. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.3564>
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Arte Médicas.
- Minuchin, S., & Fishman, C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Artes Médicas.
- Minuchin, S., Lee, W. Y., & Simon, G. M. (2008). *Dominando a terapia familiar*. Artmed.
- Muniz, A. A. M., & Feres-Carneiro, T. (2012). Função fraterna: reflexões a partir do filme Príncipe das Marés. *Psicologia em Revista*, 18(1), 41-56. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2012V18N1P41>
- Negreiros, A. C. P., Rocha, M. A. Q., & Silva, L. F. (2021). Sociedade e família: Um olhar histórico, social e estrutural acerca da família. *Revista Episteme Transversalis*, 12(1), 1-16. Recuperado de https://www.academia.edu/113427599/SOCIEDADE_E_FAM%C3%8DIA_Um_Olhar_Hist%C3%B3rico_Social_e_Estrutural_acerca_da_Fam%C3%ADlia
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia familiar: Conceitos e métodos*. Artmed.
- Oliver, B. E. (2007). Three steps to reducing child molestation by adolescents. *Child Abuse & Neglect*, 31(7), 683-689. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2006.09.008>
- Passos, M. C. (2015). Vicissitudes do tempo na formação dos laços familiares. In T. Feres-Carneiro (Ed.), *Família e casal: Parentalidade em diferentes contextos* (pp. 11-23). Prospectiva/PUC-Rio.
- Penso, M. A., Conceição, M. I. G., Costa, L. F., & Carreteiro, T. C. O. (2012). *Jovens pedem socorro: O adolescente que praticou ato infracional e o adolescente que cometeu ofensa sexual*. Liber.
- Pincolini, A. M. F., & Hutz, C. S. (2014). Abusadores sexuais adultos e adolescentes no sul do Brasil: Pesquisa em denúncias e sentenças judiciais. *Temas em Psicologia*, 22(2), 301-311. <https://doi.org/10.9788/TP2014.2-03>
- Ponciano, E. L. T. (2015). Autoridade parental em transformação: pais e filhos na adultez emergente. In T. Feres-Carneiro (Ed.), *Família e casal: Parentalidade em diferentes contextos* (pp. 73-92). Prospectiva/PUC-Rio.
- Said, A. P., & Costa, L. F. (2019). Family dynamics of boys victims of sexual abuse. *Paideia*, 29, e2908. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e2908>
- Said, A. P., & Costa Junior, A. (2018). Polivitimização de meninos vitimizados sexualmente: uma análise documental a partir de fichas de notificação. *Contextos Clínicos*, 11(1), 26-36. <https://doi.org/10.4013/ctc.2018.111.03>
- Said, A. P., Junqueira, E. L., & Costa, L. F. (2016). A passagem ao ato no abuso sexual intrafamiliar fraterno de menino. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, (14), 5-12. <https://doi.org/10.17921/2176-5626.n14p5-12>
- Santos, S. S., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Quando o silêncio é rompido: O processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. *Psicologia & Sociedade*, 22(2), 328-335. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000200013>
- Seto, M. C., Babchishin, K. M., Pullman, L. E., & McPhail, I. V. (2015). The puzzle of intrafamilial child sexual abuse: A meta-analysis comparing intrafamilial and extrafamilial offenders with child victims. *Clinical Psychology Review*, 39, 42-57. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2015.04.001>

- Silva, A. C. G., Fernandez, L. M. M., Sousa, R. G. C., Pereira, V. M., Tavares, A. S., & Costa, L. F. (2021). Avaliação de reincidência de ofensa sexual cometida por adolescentes de 16-18 anos. *Desidades*, 9(31), 188-206. <https://doi.org/10.54948/desidades.v0i31.41471>
- Souza, A. P. L., Lauda, B. V., & Koller, S. H. (2014). Opiniões e vivências de adolescentes acerca dos direitos ao respeito, à privacidade e à proteção contra a violência. *Psicologia & Sociedade*, 26(2), 397-409. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000200016>
- Stoicov, G. R. (2021). Conceito de família para atuação da psicologia no Sistema Único de Saúde. *Revista Portal Saúde e Sociedade*, 6(único), e02106043. <https://doi.org/10.28998/rpss.e02106044>
- Tavares, A. S., Costa, L. F., & Moreira, D. L. (2021). Ofensa sexual cometida por adolescentes jovens/adultos. *Aletheia*, 54(2), 82-94. <https://doi.org/10.29327/226091.54.2-8>
- Worling, J. R., & Curwen, M. A. (2012). *Estimativa de risco de reincidência de agressão sexual em adolescentes*. ERASOR (versão portuguesa). Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Worling, J. R., & Langton, C. M. (2017). Trends over time in clinical assessment practices with individuals who have sexually offended. In D. P. Boer (Ed.), *The Wiley handbook on the theories, assessment, and treatment of sexual offending* (pp. 573-606). Wiley Blackwell.